



Jornalismo Ambiental e Humor nas Charges do Jornal Correio da Paraíba¹

Haryson Alves de Souza²

Lucy Regina Farias de Melo Miranda Costa³

Olga Tavares⁴

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a abordagem do Jornalismo Ambiental presente no gênero Charges, modalidade do gênero Opinativo do jornalismo, veiculados no jornal impresso Correio da Paraíba em 2007. Buscamos entender a formulação de sentido a partir da construção discursiva do veículo. O estudo está inserido no campo da comunicação científica e meio ambiente, sugerindo, crítica e construtivamente, uma nova visão sobre o uso das Charges inseridas na temática ambiental como na esfera da práxis jornalística. A pesquisa conta com análises sob a perspectiva da Análise de Discurso, utilizando como suporte as Teorias da Comunicação e do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo ambiental; jornalismo científico; humor; charge.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos de Divulgação Científica (GEDIC). A linha deste estudo está situada no campo da comunicação científica e ambiental, tendo como finalidade a investigação e análise do conteúdo referente às charges, modalidade do gênero opinativo do jornalismo, veiculadas durante o ano de 2007, no jornal impresso Correio da Paraíba.

As questões relacionadas ao meio ambiente, tais quais mudanças climáticas, aquecimento global e poluição, são temáticas bastante abordadas pela mídia atualmente. Percebe-se que esses temas têm sido constantemente pautados pelos meios de comunicação, mas, nem sempre, os mesmos vêm veiculando mensagens adequadas sobre o assunto. Na maioria dos casos pode-se verificar a predominância da superficialidade na forma de

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo e Editoração, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Realizado no grupo de Estudos de Divulgação Científica (GEDIC).

² Graduando do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, e-mail: harysonalves@gmail.com.

³ Graduada em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, e graduanda em jornalismo pela UFPB. Mestranda do curso de Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB, e-mail: lucyregina@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, email: olgatavares@cchla.ufpb.br.



abordagem pela imprensa, como também certa redundância nos conteúdos pautados. Com relação a esse tipo de prática, o jornalista Roberto Villar Belmonte, no artigo *Cidades em Mutação* (apud BOAS, 2004, p. 15), cita:

O meio ambiente é pauta, mas em geral ocupa os espaços periféricos e recebe uma abordagem exótica. As reportagens quase sempre são fruto do interesse e da curiosidade do próprio jornalista. Dificilmente resultam de uma decisão das chefias, pois o *status* editorial ainda não é proporcional ao tamanho da crise ecológica planetária. Talvez pela complexidade dos assuntos e pela ainda incipiente presença do jornalismo ambiental nas faculdades de comunicação social.

A pesquisa trata de como, inseridas na linha editorial do meio comunicativo, as formas de divulgação científica e ambiental são empregadas nas Charges, onde nesta há uma relação com o humor. Detectar as ocorrências e o tratamento dado a essas temáticas se caracteriza em uma forma relevante de averiguar como se dá a práxis do jornalismo científico dentro do referido periódico paraibano, pois o jornal *Correio da Paraíba* é atualmente líder de mercado neste segmento no Estado da Paraíba. Foi criado em 05 de agosto de 1953 pelo empresário Francisco Teotônio Neto, circula em todo o estado da Paraíba e, hoje, detém a maior carteira de assinantes.

A proposta do jornalismo científico é de trazer para o público em geral informações acerca dos acontecimentos do meio científico, tais como esses estudos sobre o meio ambiente. É importante que ao disseminar essas informações o jornalista esteja contribuindo socialmente para as discussões acerca desta problemática. Levando em consideração a responsabilidade da imprensa com a informação, não apenas observou-se a quantidade de publicações no jornal *Correio da Paraíba*, mas também a forma como o meio tratou o assunto no que se refere à área da divulgação científica. O jornalismo científico se encarrega de tornar menos árida para a população a informação, as notícias que dizem respeito à ciência ou aos estudos e divulgações ambientais. Torna-se imprescindível o papel da imprensa em informar e educar sobre esses temas, os quais são de interesse público.

Dentro da legislação brasileira, a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, reforça a relação entre o jornalismo e a educação ambiental. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental, definindo como um dos objetivos da educação ambiental a garantia da democratização das informações ambientais (artigo 5º, inciso II).



Através do jornalismo ambiental, há a popularização do conhecimento científico, oferecendo possibilidades de sua apropriação pela sociedade, além de funcionar como instrumento de educação para a ciência.

CHARGES

O jornalismo é caracterizado pela dinâmica da rapidez e da atualidade. A partir das estruturas socioculturais de cada veículo são determinadas suas peculiaridades. Para Todorov (1980 *apud* MELO, 1994, p. 37), essas peculiaridades envolveriam forma/conteúdo/temática; as relações entre emissor/receptor; e político-econômicas entre instituição jornalística/Estado/corporações mercantis/movimentos sociais. Essas peculiaridades deram origem à delimitação dos gêneros jornalísticos.

Dentro das ferramentas utilizadas pelos jornais está a charge, que funciona como produtora de efeitos comunicativos no público, não se limitando apenas ao texto, mas às recorrências imagéticas. Isso proporciona uma maior influência porque o alcance é projetado a um público maior que o dedicado apenas à leitura do código escrito.

Para José Marques de Melo, a charge é uma das modalidades ou espécies da caricatura. Por isso, ambas possuem uma íntima relação da qual se destaca:

Sua variedade humorística advém do real, da apreensão de facetas ou instantes que traduzem o ritmo de vida da sociedade, que flagram as expressões mais hilariantes do cotidiano. Sua intenção é representar o real criticando-o. A caricatura reproduz a imagem isolada dos personagens vivos da cena noticiosa. A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento. Ambas as espécies só adquirem sentido no espaço jornalístico, porque se nutrem dos símbolos e valores que fluem permanentemente e estão sintonizados com o comportamento coletivo.(MELO,1985, p.124)

Segundo o dicionário de comunicação de Carlos Rabaça e Gustavo Barbosa (1978), a charge usa quase sempre os elementos da caricatura para a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico. Há uma complementariedade entre a charge e a caricatura, contudo existem diferenciações.

Desta forma, a caricatura diferencia-se por ser a representação da fisionomia humana com características grosseiras. O autor realiza uma caricatura sempre que sua intenção principal for representar qualquer figura de maneira não convencional.



A charge, além de entreter e fazer rir, possui outras funções como o incentivo à reflexão. Através do humor, crítica ou ironia, capta a atenção do leitor, levando-o à compreensão dos fatos e interpretar os acontecimentos cotidianos. No meio jornalístico, a charge funciona como um modalizador da leitura que o receptor fará do veículo.

Por esta ter como característica a capacidade de funcionar como um condensador de idéias e de formas, a charge leva o leitor a ser capaz de explicar os acontecimentos que os meios lhe apresentam fragmentados. Atua como um tradutor, dirigindo a leitura.

Devido à relação de semelhança e derivação que a charge possui com a caricatura, torna-se imprescindível ao falar de uma, ter que recorrer à outra.

O que garantiu a inserção da caricatura na imprensa foi, principalmente, o avanço tecnológico de reprodução gráfica e a popularização do jornal como meio de comunicação. Em 1830, o jornal francês *La Caricature* publicava as imagens desenhadas como complemento aos textos verbais.

No fim do século XVIII, nos Estados Unidos, uma “guerra” foi travada pela conquista do público leitor entre Hearst e Pulitzer. Nesse tópico da história do jornalismo norte-americano estavam inseridos a caricatura e suas formas conexas, como a charge. No Brasil, os pioneiros a lidar com essas possibilidades de satirização, crítica ou até ridicularização dos acontecimentos ou fatos foram Herman Lima e o poeta Gregório de Matos. No jornalismo, o Padre Lopes Gama, que editou em Pernambuco o jornal *O Carapuceiro*.

Em 1860, a revista *Semana Ilustrada* foi fundada por Henrique Fleiuss. Surgiam os personagens *Dr. Semana e Moleque*. Em 1869, Angelo Agostine, em a *Vida Fluminense*, cria *As Aventuras de Nhô-quim* e, em 1883, nas *Revista Ilustrada, Dom Quixote e o Malho, as Aveturas de Zé Caipora*. (TEIXEIRA, 2001, p.5).

A proliferação das revistas ilustradas se deu no século XIX onde as novas técnicas para impressão e reprodução aumentaram as tiragens e possibilitaram o crescimento do público leitor. Através do humor das charges e caricaturas já se podia manter uma idéia de como os meios impressos se comportavam frente ao que poderia estar acontecendo.

Através das charges podemos notar, por exemplo, que estas revistas faziam oposição à candidatura de Nilo Peçanha para a Presidência da República; ou que elas estavam preocupadas com o atraso nas obras da Exposição 1992; ou que reclamavam contra a carestia etc. Enfim, uma única



caricatura ou charge muitas vezes dizia muito mais que um editorial bem escrito.(VELLOSO, 2003, p.67)

MEIO AMBIENTE E HUMOR

Não se trata apenas de falar de jornalismo científico ou ambiental, pois são imprescindíveis para o desenvolvimento de um país os assuntos relacionados à ciência e tecnologia (C&T). O que se torna mais importante é democratizar o acesso a informações científicas na sociedade brasileira. Para isso, são evidentes várias formas e técnicas que estimulam a inserção do interesse populacional por essas temáticas. A charge, dentro desta perspectiva, funciona claramente como uma delas.

Enquadrar as temáticas ambientais com pauta na produção das charges eleva ainda mais o nível de divulgação e orientação sobre o assunto tratado. Os temas abordados pelo jornalismo científico ambiental têm correlações com todas as áreas do saber. A charge favorece o diálogo com esses outros campos do conhecimento e se torna peça-chave na compreensão por parte do leitor.

A problemática ambiental, muitas vezes, possui pautas que merecem um destaque maior devido à gravidade de problemas pelos quais o planeta está passando. Por também possuir um caráter reflexivo, informativo e interpretativo, a charge facilita a legibilidade, em especial numa cultura visual como a nossa. Desta forma, observa-se a ponte que o humor pode ter com a temática do meio ambiente. E não apenas por isso, mas também pelo diferenciamento entre a linguagem científica e a jornalística. Esta prima pela objetividade, concisão e construções simples. Aquela é cheia de jargões e construções técnicas. Ao tratar dos temas científico ambientais, o chargista, assim como jornalista, deve modalizar a linguagem técnica para trazer ao público a informação que interprete o conhecimento da realidade. No caso do chargista, essa modalização se dá, em maior parte, na linguagem visual. A prática do humor através da charge funciona justamente como uma dessas formas de modalização do discurso.

Através da charge, a mídia possui mais uma alternativa, dentro do jornalismo ambiental, para cumprir com suas funções, como a de popularizar as transformações sofridas pelo globo. A imprensa ainda não despertou para a prática desse tipo de jornalismo, mesmo



com o aumento tímido do público interessado nesses assuntos, política, economia, cultura, esporte, como tantos outros, ganham mais destaque. O humor, mais uma vez, funciona como forma de atrair criativamente um público leitor sobre meio ambiente.

Um fator muito partilhado entre as formas de humor crítico e a temática ambiental é que ambas abrem espaço para se falar de aspectos sociais e culturais do cotidiano. Por focar os traços da realidade, a charge se atrela ao papel da imprensa, o de forma a opinião pública, fiscalizando e cobrando atitudes das várias formas de poder. Assim, os temas ambientais ganham suas exatas proporções, descrições através de imagens e textos, e se tornam um instrumento eficaz de persuasão. Através das charges pode-se estigmatizar ou até humanizar determinados personagens ou temas relacionados ao meio ambiente.

Através do humor, observa-se a relevância da imprensa na participação ativa da formação ambiental do cidadão, não por tratar apenas de temas sobre as calamidades, mas, sobretudo, do cotidiano.

O DISCURSO JORNALISTICO AMBIENTAL

Quanto ao suporte teórico-metodológico, utilizaremos a análise de discurso, tendo como embasamento conceitual as teorias da comunicação e do jornalismo, com o enfoque para a área de divulgação científica dentro do contexto jornalístico.

Entendemos que o discurso é “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos” (BRANDÃO, 1994, p.12).

Definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais. Têm assim papel fundamental na reprodução, manutenção ou transformação das representações que as pessoas fazem e das relações e identidades com que se definem numa sociedade... (PINTO, 1999, p. 24)

Sendo assim, para compreendermos os discursos não podemos dissociá-lo do contexto social onde o mesmo está inserido. Também não se pode resumir o conceito de discurso a um conjunto de textos produzidos por sujeitos sociais, pois, como já vimos, o discurso possui uma carga subjetiva e ideológica a ser levada em consideração.



O discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula o saber (o saber institucional), é gerador de poder (BRANDÃO, 1994, p.31).

O discurso como gerador de poder tem um papel social importante dentro da sociedade, é nesse item que conseguimos visualizar a contribuição de Michel Pêcheux, que verifica que a produção do sentido discursivo vai depender do contexto, da condição de produção, além do papel social ocupado pelo protagonista do discurso. A língua é um elemento necessário para a construção discursiva, mas ela por si só não consegue determinar essa formação.

O sistema da língua é o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para o que dispõe de um conhecimento e para o que não dispõe. Isso não resulta que eles terão o mesmo discurso: a língua aparece como a base comum de processos discursivos diferenciados (PÊCHEUX apud BRANDÃO, 1994, p.35)

A análise de discurso propõe-se a analisar os discursos e seu conteúdo, sem dissociá-lo do contexto social. Para Gill (2002) “a análise de discurso é uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado”. A autora ainda faz uma observação sobre os analistas de discurso, que, segundo ela devem atentar não só aos aspectos explícitos no discurso, mas, sim, deve-se atentar ao “não dito”. Em outras palavras temos que:

O analista de discursos é uma espécie de detetive sociocultural. Sua prática é primordialmente a de procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo, no interior dos quais se deu o evento comunicacional (PINTO, 1999, p. 22).

ANÁLISE - CATEGORIA:OPINIÃO/MODALIDADE:CHARGES/2007

DATA	TÍTULO	PÁGINA
16/01/2007	Lixo na praia	A6



A charge apresentada nesse dia traz uma temática bastante recorrente, principalmente nesse período de verão, ou seja, a temática do lixo na praia. Sabe-se que, no verão, em especial na região Nordeste, o principal atrativo é justamente a beleza das praias; em contraponto a isso, sabe-se que o acúmulo de lixo na areia das praias, bem como nas águas do mar, vem crescendo cada vez mais.

Uma característica a ser observada nessa charge é que parece como se o lixo já fizesse parte do cenário natural da praia. Nota-se que, de certo modo, as pessoas representadas na figura não mostram sensação de incômodo ou de revolta por conta da sujeira.

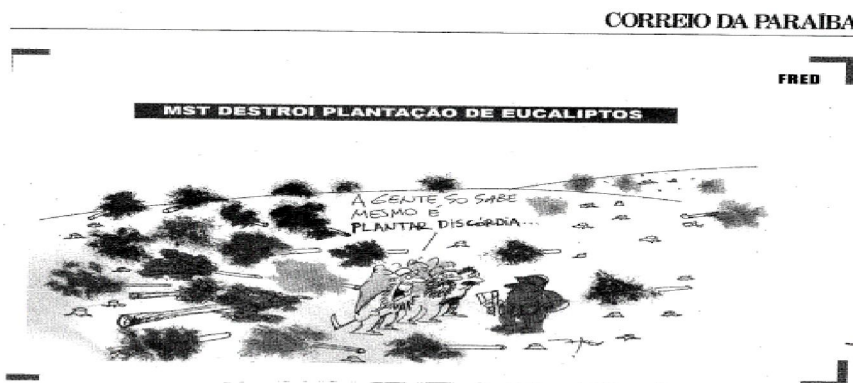
Leve-se em conta também que a poluição da praia é decorrente da falta de consciência dos que as freqüentam, então esta charge leva a uma reflexão a respeito do uso da praia pelos próprios banhistas. O discurso produzido pela charge é o que mostra, implícita, mas também objetivamente, a falta de educação ambiental dos usuários das praias, bem como sua indiferença ao lixo que os circunda. A charge vem, ainda, na época de verão, dar um alerta à situação em que se encontram as praias e mostrar a necessidade da conscientização a respeito de um turismo sustentável; de um bom convívio homem-natureza etc.

DATA	TÍTULO	PÁGINA
04/02/2007	Preserve o verde	A6



Essa charge é bastante reflexiva e subjetiva, fazendo uma crítica às campanhas ambientais cujo mote é a preservação do verde. Sabemos que as reservas florestais têm diminuído consideravelmente, mas tudo isso não aconteceu de um dia para o outro, é um processo contínuo de anos. Desse modo, cabe refletir o mau uso dos recursos naturais e ainda levantar a questão do desmatamento. Na figura, o personagem aparece observando a paisagem e “procurando” ver o verde que ele está lutando para ser preservado. Então, pela análise da charge apresentada, percebemos que o autor da charge trabalha ironicamente a questão: como lutar para preservar algo que praticamente não existe mais?

DATA	TÍTULO	PÁGINA
20/03/2007	MST Destrói plantação de Eucaliptos	A6



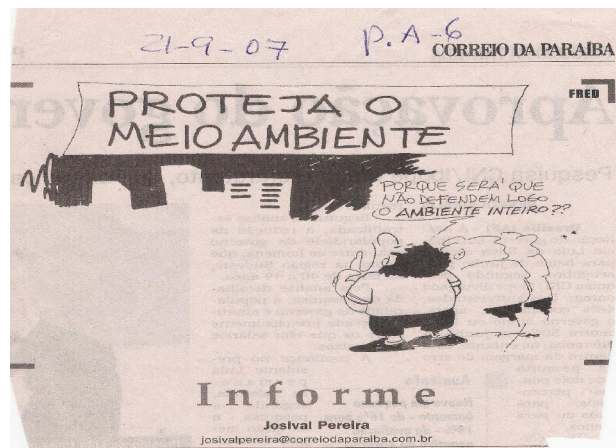


Aqui observa-se junto à problemática ambiental do desmatamento que o tema reforma agrária não está explícito no sentido de veicular a idéia da aquisição e divisão de terras no país. Adota claramente uma perspectiva que vai de encontro a um dos maiores movimentos pela partilha de terras no Brasil, o Movimento dos Sem Terra (MST). Ao associar a ocupação desordenada de terras praticadas pelo MST à destruição de áreas florestais, empregam uma imagem totalmente pejorativa de tal movimento. É importante perceber que nem todas as invasões realizadas pelo MST proporcionam perdas ambientais, assim como prega a charge.

Dentro da expressão “Plantar Discórdia”, encontra-se uma pluralidade de sentidos que fazem referências aos textos verbal e visual: O MST destrói plantações e “germina a semente da confusão” as imagens das árvores cortadas contrasta com o “Plantar discórdia”, além de reforçar a suposta atitude do MST, de derrubar as árvores. Esses símbolos são munidos de valores para influenciar o comportamento coletivo a respeito do que se é dito ou visto da charge.

O leitor sente a impressão de que o MST busca terra para outros fins, menos o de cultivar, o humor está na irônica produção de sentido vista em “Destruir plantação” e “Plantar discórdia”. Geralmente, esse tipo de charge remete a alguma notícia de repercussão na mídia ou de destaque no próprio meio impresso. Adota uma abordagem de que o homem é o próprio praticante das agressões sofridas pelo meio ambiente. Encara o desmatamento como algo prejudicial e insere elementos da vida real, como o MST e o desmatamento, para trazer a opinião do jornal sobre o assunto abordado. Possui um título que explica uma situação e uma fala entre os personagens. Esta estabelece o humor e ironia com a situação visual e a do título.

DATA	TÍTULO	PÁGINA
21/09/2007	Proteja o meio ambiente	A6





O meio ambiente é colocado como receptor de prejuízos e é explícita a necessidade de proteção ao todo. O fator ambiental é visto de forma geral, destacando-se nenhuma particularidade, como a poluição dos rios e a preservação da fauna ou flora.

A frase estampada no cartaz “Proteja o meio ambiente” remete às organizações em defesa do mesmo, às iniciativas, privadas ou não, ao voluntariado, enfim, a todos que participam e se envolvem em práticas de proteção ao meio ambiente. Contudo, o humor está presente no erro de entendimento do que está escrito no cartaz pelo personagem. Para ele, proteger o meio ambiente não é proteger o mesmo como um todo, mas somente em parte. O personagem critica o cartaz, afirmando que todos deveriam defender o meio ambiente inteiro. “Meio”, que é substantivo, é entendido pelo personagem como adjetivo. Desta forma, ao ler a expressão “Ambiente inteiro”, o leitor é induzido a entender a frase “Proteja o meio ambiente” assim como o personagem o fez, dando um crédito de confiança à linha de raciocínio do mesmo para que haja o humor.

Através da indignação do personagem também se pode inferir que atualmente existe um certo interesse da população pela luta ambiental. No entanto, não há ação, as pessoas não dão exemplos de cuidados com o meio ambiente na prática. Outro aspecto inferido é que os movimentos ambientais estão divididos por segmentos, a exemplo dos movimentos de defesa dos animais, das matas etc. Segundo o personagem, todas essas iniciativas deveriam se unir para preservar o meio ambiente como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto de estudo se mostrou limitadíssimo. Durante o período de análise, nove meses, obteve-se apenas quatro charges. Isso implica dizer que a periodicidade de publicação dessas formas opinativas direcionadas ao meio ambiente é muito baixa, não chegando a uma por mês.

A temática do desmatamento sempre foi uma temática mais recorrente em tempos passados e continua sendo vista na atualidade nos diferentes meios midiáticos. Apesar de o planeta sofrer com novas intempéries ambientais, ainda assim 50% das charges recorreram ao desmatamento.



Em todas, o homem foi empregado como parte integrante e atuante da problemática ambiental. A figura humana sempre é tida como causadora dos impactos ambientais, reforçando uma idéia explícita: da natureza sofrendo as conseqüências da ação do homem.

As charges utilizaram também as imagens da paisagem natural, as quais estão presentes em três das quatro analisadas, seja na imagem do lixo na praia ou de árvores derrubadas. Um fator extremamente importante foi o fato de que todas as charges chamam atenção para a problemática ambiental adotada.

No que se refere ao discurso empregado, observam-se duas formas. O visual e o verbal. O texto verbal foi usado em três das quatro charges onde também houve a utilização de títulos. Estes, na maioria das vezes, explicam uma situação a qual será humoristicamente desenvolvida na charge. A utilização de textos inseridos com imagens foi observada em 75% das charges. O material se apresenta como de fácil entendimento e compreensão. O leitor não precisa despende um enorme esforço cognitivo para entender a idéia central das charges.

Outro fator interessante é o de que durante mês de Junho, o qual é dedicado ao meio ambiente, não se obteve nenhuma publicação referente a essa temática. Além disso, não se observa a focalização das problemáticas tratadas na esfera do regionalismo. Não se focam os problemas da Paraíba ou de João Pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. 7 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2006.

KRIEGHBAUM, Hillier. **A ciência e os meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Edições Correo da Manhã, 1970.

LAGE, Nelson. **Linguagem jornalística**. 7 ed. 4 impressão. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Jose Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.



ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso:** introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

RABAÇA, Calos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro, Codercri, 1978.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso. Representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio.** São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto:** A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **As tradições populares na Belle Époque carioca.** Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo.** Rio de Janeiro: CPDOL, 1987.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Um olhar bem-humorado sobre o Rio nos anos 20.** Secretaria Especial de Comunicação Social. Cadernos da Comunicação, Série Estudos, volume 5, 2003.

VILLAS BOAS, Sérgio. **Formação & informação científica:** Jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.